

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.15022020317-327>

**UMA RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE
O UNIVERSO LITERÁRIO E MÚSICO-TEATRAL
NA OBRA DE CORDEL “FOGO ENCANTADO”
A DIALOGICAL RELATIONSHIP BETWEEN
THE LITERARY AND MUSIC-THEATRICAL UNIVERSE
IN CORDEL'S WORK “FOGO ENCANTADO”**

Maria Beatriz Licursi*

Levi Leonido**

Elsa Morgado***

Resumo: *Historicamente considerada uma herança portuguesa, a literatura de cordel, profundamente inserida no mundo da vida do homem nordestino, se constitui hoje em uma tradição cultural tão forte e arraigada que marca a sua identidade, de forma indelével. O presente artigo é um estudo comparativo dialógico entre o cordel do Brasil e o cordel de Portugal e suas influências nos movimentos artísticos, tendo como objeto de pesquisa na cultura brasileira o grupo cordelista Cordel do Fogo Encantado, apresentando uma reflexão sobre a adaptação da cultura popular de nosso país a favor da cultura progressiva e a estética da oralidade como experiência da teatralidade aliada a uma musicalidade moldada por/para essa experiência teatral.*

Palavras-chave: *Cultura popular. Gênero textual. Arte verbal. Literatura de Cordel.*

Abstract: *Historically considered a Portuguese heritage, the cordel literature, deeply embedded in the life of the northeastern man, today is a cultural tradition so strong and entrenched that marks its identity, indelibly. This article is a comparative dialogical study of the Cordel in Brazil and the Cordel of Portugal and their influence on artistic movements. The research subject is Brazilian culture and the cordelista group Cordel do Fogo Encantado, with a reflection on the adaptation of the popular culture of our country in favor of progressive culture and the aesthetics of orality as an experience of theatricality combined with musicality shaped by/to this theatrical experience.*

Keywords: *Popular culture. Textual Genre. Verbal art. Cordel Literature*

* Doutora em Ciências da Educação. Professora Adjunta da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: musicafeliz@terra.com.br.

** Doutor em Educação. Investigador do Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal. Professor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal. E-mail: levileon@utad.pt.

*** Doutora em Ciências da Educação. Investigadora em Pós-Doutoramento na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Investigadora da Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, Braga, Portugal. E-mail: elsagmorgado@gmail.com.

INTRODUÇÃO

*Como posso pensar ser brasileiro
Enxergar minha própria diferença
Se olhando tudo ao redor vejo a imensa
Semelhança ligando todo mundo inteiro.
Sêmen, Mestre Ambrósio¹*

A Literatura de Cordel é uma manifestação cultural que apresenta ao leitor ou ouvinte um retrato do tempo, da cultura, da realidade do homem, viva ele no meio rural ou urbano, aliando diversão e informação, fala e escrita, de maneira que contribui para a construção da identidade cultural do povo (LOPES, 1992).

Essa denominação é utilizada no Brasil e em Portugal para classificar uma corrente da literatura popular, ou pelo menos uma forma de como a literatura popular é confeccionada, o folheto impresso. O Cordel, segundo vários autores, tem origem ibérica, muitas de suas histórias são inspiradas nas gestas medievais, e no solo brasileiro assumiu um caráter marcadamente popular, ainda que apresente uma estrutura estética rígida, onde apesar da forma em verso impera a narrativa.

Para Abreu (2009), o cordel tem como herança não só das folhas volantes portuguesas e dos *pliegos sueltos* espanhóis, mas também da *littérature de colportage* francesa, sendo que cada qual ao seu estilo, e diferente do que hoje constitui o cordel nordestino. Esse tipo de literatura não existe apenas no Brasil, mas, também, na Sicília (Itália), na Espanha, no México e em Portugal. Na Espanha é chamada de *pliego de cordel e pliegos sueltos* (folhas soltas). Em todos esses locais expressa a literatura popular em versos.

A literatura de cordel é um gênero literário escrito para o povo e que ao longo dos anos serviu para veicular a informação que algumas vezes era mais rápida que o jornal. É assim chamada pela forma como são vendidos os folhetos, dependurados em barbantes (cordão), nas feiras, mercados, praças e bancas de jornal, principalmente das cidades do interior e nos subúrbios das grandes cidades.

O cordelista apresenta o mundo em que vive em versos, reinterpretando-o de forma a se tornar inteligível para o ouvinte ou o leitor, e em suas narrativas, que se passam em cenários imaginários ou reais, abordando uma série de temáticas que vão do cotidiano do homem do campo à filosofia, da religião à política, passando inclusive por conhecimentos escolares da literatura propriamente dita, da geografia, de fatos históricos, entre outros.

Especificamente para este artigo tomamos como objeto de pesquisa na cultura brasileira o grupo cordelista Cordel do Fogo Encantado, apresentando uma reflexão sobre a adaptação da cultura popular de nosso país a favor da cultura progressiva e a estética da oralidade como experiência da teatralidade aliada a uma musicalidade moldada por/para essa experiência teatral.

¹ Mestre Ambrósio foi uma banda recifense criada em 1992 com uma proposta na base nordestina do forró, maracatu, coco, baião, caboclinho, ciranda e das letras inspiradas na tradição popular e do cordel.

1 A LITERATURA DE CORDEL DAS NAUS PORTUGUESAS ÀS TERRAS DE PINDORAMA

*Rainha eterna (na memória
Para sempre viva do povo
Lenda na futura História)
Só trazendo-a à vida de novo:
Exumá-la da triste cova,
Sagrá-la numa vida nova.*
Francisco Maciel Silveira²

A literatura de cordel teve início no século XVI, quando o Renascimento passou a popularizar a impressão dos relatos que pela tradição eram feitos oralmente pelos trovadores.

A tradição desse tipo de publicação vem da Europa. No século XVIII esse tipo de literatura já era comum, e os portugueses a chamavam de literatura de cego, pois em 1789, Dom João V criou uma lei em que era permitido à Irmandade dos homens cegos de Lisboa negociar esse tipo de publicação.

Esta literatura foi introduzida no Brasil pelos portugueses desde o início da colonização e o cordel brasileiro apresentou uma origem lusitana apenas num primeiro momento, com as versões brasileiras de cordéis portugueses, quando os folhetos eram “fiéis ao enredo das histórias lusitanas, conservando todos os passos fundamentais do enredo, transcrevendo algumas passagens quase literalmente” (ABREU, 2009, p. 131).

Historicamente, a literatura de cordel é uma herança portuguesa. Para o folclorista Diégues Júnior (1973), a literatura de cordel no Nordeste tem a presença das raízes lusitanas, já que se tem atribuído às folhas volantes portuguesas a origem dessa arte literária:

As raízes lusitanas presentes na literatura de cordel do Nordeste vieram-nos com o romanceiro peninsular. Os romances foram divulgados, entre nós, já no século XVI, ou, no mais tardar, no XVII, trazidos pelos colonos portugueses em suas bagagens. (DIÉGUES JÚNIOR, 1973, p. 5).

Contudo, o folclorista admite a presença de alguns traços hispânicos nesse tipo de literatura que se dirigiu a Portugal e veio para o Brasil, pois, segundo este autor, há muito dos *pliegos sueltos* nos cordéis portugueses.

Para Vila Nova (1996) o cordel nas terras pindorama originou-se em relatos orais e depois popularizou-se na forma "impresso em folhetos", daí no Brasil ser conhecido

² Nesta obra poética, *O caso de Pedro e Inês: Inês(quecível) até o fim do mundo*, o autor, conta, em formato de literatura de cordel, a partir de um texto clássico português, a história do amor entre o infante português Pedro e a galega Inês de Castro, coroada rainha depois de morta. A tragédia romântica traz ilustrações em estilo de cordel de autoria de Dan Arsky.

também como folhetos que eram pendurados em barbantes (cordéis ou barbantes em Portugal) e vendidos, por isso a popularização do seu nome literatura de cordel.

Destacamos que a grande contribuição lusitana para a literatura de folhetos nordestina é a forma fixa de rimas sendo quadras setes silábicas com rimas em ABCB, que é própria de Portugal, porém a forma que permaneceu foram as sextilhas, sendo que no Nordeste o cantador dispõe de apenas uma estrofe para se defender das provocações do oponente.

Essas contribuições foram essenciais para a conservação da memória de nosso povo, sendo muitas vezes o único arquivo histórico disponível em culturas de tradição oral. No Brasil, dada a sua condição de colônia, um processo de resignificação com percurso inverso ocorre:

A literatura oral do Nordeste acolhe de Portugal uma produção literária impressa (além da tradição oral), que é fruto de uma operação editorial planejada para fins lucrativos, cuja ação popularizou e nacionalizou modelos em circulação no espaço europeu. A impressão dos folhetos nordestinos guarda o caráter puramente artesanal ou puramente oral onde se deriva daí a qualidade inventiva e reflexiva dessa literatura que abunda em temas que refletem, com profundidade, a realidade social em que floresce. (LONDRES, 1983, p. 31).

Foi um grande período de oralidade até que os versos cantados, os folhetos de cordel portugueses, muitos em prosa, e os folhetos versificados de literatura de cordel brasileira conhecessem a forma impressa no século XIX com características próprias e com temas locais e da época. Além da temática cotidiana foram também escritas lendas, passagens religiosas, fatos históricos.

O cordel brasileiro apresenta uma organização discursiva épica, no sentido de narrativa, e não dramática (embora se configure, muitas vezes, uma atuação performática do narrador) distanciando-se de um tipo de produção predominantemente lírica, o lirismo não é a tônica da literatura de cordel, ainda que possa estar dispersamente presente. O que tornava os textos populares, não era o autor ou o público, mas “sua materialidade - sua aparência e seu preço, ou seja, sua editoração. A acessibilidade dos textos se dava devido ao seu baixo valor, o que os tornavam acessíveis desde os mais pobres aos mais abastados, já que a comercialização dos mesmos acontecia em lugares públicos e nas vilas. (CURRAN, 1992).

Diferentemente da produção de cordel portuguesa de natureza dramática na qual os diálogos e as rubricas prevalecem sobre o elemento narrativo, na literatura de cordel brasileira o que se destaca é o narrar, herança cultural e literária dos povos indígenas e africanos, que se fortalece, em muitos casos, com o ouvir/ler os folhetos narrativos portugueses, e demais materiais impressos, folhas volantes, livretos e livros de histórias levados para o Brasil. (DIÉGUES JÚNIOR, 1973).

Segundo Leitão (1994, p. 172), a Literatura de Cordel deve ser vista como *uma árvore*, que deu semente e que aqui foi plantada e germinada, adquirindo características tipicamente brasileiras, e não como *uma raiz*. Nesse sentido, as discrepâncias entre as Literaturas de Cordel nos dois países, Brasil e Portugal, nas composições material, literária e temática são evidentes. Para Abreu (2009, p.15-16), *as semelhanças entre as duas produções de cordel, em Portugal e no Brasil, na verdade, são mínimas e as diferenças inúmeras*.

2 A RESISTÊNCIA DA LITERATURA DE CORDEL

*E assustado dei um pulo da rede,
Pressenti a fome, a sede,
Eu pensei: "vão me acabar".
Me levantei de borduna já na mão.
Ai, senti no coração,
O Brasil vai começar.
Chegança, Antônio Carlos Nóbrega*

As cantorias começaram a ser impressas na segunda metade do século XIX, sendo responsável pelo início dessa publicação sistemática Leandro Gomes de Barros, que, conforme consta em seus textos, escrevia poemas de 1889, sendo que o folheto mais antigo impresso por ele data de 1893. Muitos autores não tinham a intenção de publicar seus textos escrevendo-os em tiras de papel ou em cadernos, acreditando que a melhor forma de publicação seriam as apresentações orais. Um dado interessante sobre os autores desses poemas era que muitos advinham da zona rural e tinham pouca instrução formal, outros eram autodidatas na arte de escrever. Para que esses autores conseguissem sobreviver dos seus textos, migravam para as grandes cidades ou capitais, onde teriam alguma chance de expor sua arte. (ABREU, 2009 p. 93).

Os folhetos conseguiam diluir o grande abismo entre cultura popular e cultura de elite, pois os mesmos eram de interesse da elite econômica, sendo uma de suas principais fontes de lazer. Portanto os folhetos dependiam da aceitação dos seus leitores para sobrevivência tanto dos autores quando dos folhetos, pois o folheto que não tivesse grande aceitação não vendia, portanto, não era reeditado nem memorizado desaparecendo rapidamente.

Para Proença (1986), o cordel é explicado pela simplicidade e o cunho popular que o acompanha e se evidencia desde o próprio nome: corda muito delgada, cordão, gaita, barbante, com as xilogravuras que representam uma importante herança do imaginário popular e a sua tamanha importância na conservação das identidades locais e tradições da literatura regional. Sendo um movimento de resistência cultural, é possível que a população brasileira conheça as tradições de seu país a fim de construir/consolidar a identidade cultural brasileira, esta que vem sendo perdida ao ser cada vez mais miscigenada com outras culturas, “a prática da cultura popular pode tomar a forma de resistência e introduzir a ‘desordem’ na ordem, abrir brechas, caminhar pelos poros e pelos interstícios da sociedade brasileira” (CHAUI, 1987, p.178).

Diferente dos cordéis portugueses que falavam sobre os nobres, os folhetos nordestinos possuíam e possuem uma forte crítica social do cotidiano, demonstrando sua indignação à sua condição subumana de vivência.

Os folhetos conservaram os passos do enredo lusitano, porém modificaram os textos transpondo-os “da prosa para o verso”, fazendo rimar apenas a história. Podemos dizer que a tradição oral é característica de todos os povos com deficiência na escrita,

porém a literatura de folhetos nordestina ganhou uma forma peculiar a partir do trabalho exaustivo de artistas muitas vezes iletrados, mas talentosos, que através dos seus poemas, cantorias e desafios não somente utilizaram os passos do enredo lusitano, mas recriaram uma literatura própria de seus contextos sócio-político e econômico extremamente brasileiros, que persistem até os dias de hoje, contando memórias do passado (PROENÇA 1986).

3 COM A VOZ, O CORDEL DO FOGO ENCANTADO

*O meu cordel estradeiro vem lhe pedir
permissão pra se tornar mensageiro da força do teu trovão.
O cordel estrangeiro, Cordel do Fogo Encantado³*

O Cordel do Fogo Encantado foi um grupo cênico-musical que teve origem em 1996 na cidade de Arcoverde, região do Sertão do Moxotó, no interior do Estado de Pernambuco. A justificativa para o nome do grupo vem da necessidade de se contar uma história, sendo a proposta inicial trabalhar com teatro e recitação de poesias dessa região com fortes influências da Poesia Oral Popular, mais conhecida como literatura de cordel. Os termos que compõem o nome do grupo, “fogo” e “encantado”, representam elementos simbólicos para a cultura do sertão nordestino, onde:

A história do fogo encantado, são as coisas existentes entre o céu e a terra, esses mistérios que envolvem até o imaginário da gente. Cordel, no nome do grupo, vem de história mesmo. No sertão nordestino, poesia é chamada de poesia, não de cordel. Cordel, no caso, é uma história. Naquelas bandas do país, o fogo é um elemento dos mais representativos: lembra a seca, o sol forte sobre a cabeça, a fogueira das festas de São João. Lembra, também a purificação, a vela do candeieiro e a dualidade céu/inferno cantada pelos repentistas. O encantado, por sua vez, entra como uma visão profética, apocalíptica. Daí veio o nome Cordel do Fogo Encantado⁴.

Em 1997 um grupo inicialmente teatral voltou a atenção para a cidade de Arcoverde. Nascia o espetáculo "Cordel do Fogo Encantado", basicamente de poesia, onde a música ocuparia um espaço de ligação entre essa poesia. À magia do grupo que narra a trajetória do fogo encantado, soma-se a presença cênica de seus integrantes e os requintes de um projeto de iluminação e cenário.

O Cordel do Fogo Encantado, desde o surgimento, mesclou a música, o teatro, a poesia dos cordelistas sertanejos, o samba de coco, a arte popular nordestina em seus espetáculos. Com influências diversas, que vão desde as batucadas da umbanda até a literatura estrangeira, o Cordel teve som e presença próprios.

Começou em um ambiente teatral e as pessoas envolvidas eram relacionadas ao teatro. Com a proposta de expor a dura realidade do povo sertanejo, assim como os detalhes de sua rica cultura, o espetáculo Cordel do Fogo Encantado, ganharia fortes

³ Letra e Música: Lirinha

⁴ LIRINHA, líder do grupo. Entrevista concedida em 05/12/2001 para o *Jornal do Brasil On-line*

traços musicais, transformando-se em uma das maiores representações artísticas do nordeste brasileiro. Nos anos seguintes, o Cordel do Fogo Encantado ganha contornos de um espetáculo musical. Ao lirismo das composições somou-se a força rítmica e melódica dos tambores de culto-africano e a música passou a ficar em primeiro plano. Suas apresentações surpreenderam não somente pela força da mistura sonora ousada de instrumentos percussivos com a harmonia do violão raiz. A presença de palco e a fala marcada pelo falar regional cantado e declamado reforça o cotidiano sofrido do homem nordestino.

O Cordel do Fogo Encantado ganha projeção internacional com apresentações na Bélgica, Alemanha e França e se firma como um dos grupos cordelista mais representativo da cena independente nacional e como símbolo cultural apresentou uma forte característica de resistência em um mundo globalizado.

A herança multicultural, evidenciada pelas raízes européia, africana e ameríndia, que construíram a literatura de cordel com características peculiares, originais, plenamente identificadas e identificadoras de seu povo foram muito bem trabalhadas pelo Cordel do Fogo Encantado em seus espetáculos teatrais.

Foram imensas as dificuldades enfrentadas pelo grupo para a preservação do patrimônio cultural, principalmente de cunho regional e local, matriz da identidade do homem brasileiro, nas diversas regiões, em caso específico, do homem nordestino retratando o homem do cotidiano, com uma linguagem simples, com fatos engraçados ou tristes pelas amarguras da seca, do desemprego, do sertão, da capital e seus medos, do anacronismo dos acontecimentos. Em fevereiro de 2010, é anunciado o encerramento das atividades do Cordel do Fogo Encantado.

4 O CORDÃO DO CORDEL DO FOGO ENCANTADO

*O pão que nasce do fogo, na roda da saia e na
gira da terra.*

O vento que rasga telhado,

Tambor ritmado e Trompetes de guerra

A guerra que traz a poeira que bate na gente,

Poeira que vem do sertão.

Vem poeira, vem poeira, vem poeira.

Poeira (ou Tambores do Vento Que Vem), Cordel do Fogo Encantado⁵

O que o Cordel do Fogo Encantado pregou tanto na criação quanto na execução de suas músicas, é a liberdade dos indivíduos. É uma liberdade real para se atingir um determinado objetivo. O que possibilitou o entendimento da liberdade dos sentimentos foi a profunda marca deixada pelo teatro no que diz respeito à existência dessa banda na sua intenção, forma, visão e apresentação (LIMA, 2005). Lima em seu estudo define o grupo cordelista:

⁵ Compositores: Lirinha e Clayton Barros.

O grupo foge de um conceito da memória musical da população. A percussão sempre na frente, a poesia sendo gritada, acho que é na verdade um encontro com algo muito estranho e no Brasil isso tem um efeito muito poderoso. Existe toda uma história de ligação da percussão com a coisa arcaica, com a coisa tradicionalista e tribal. E o grupo apresenta essa percussão com essa origem tão antiga. Às vezes com uma postura contemporânea, com uma sonoridade agressiva. Há elementos do grupo que amam o ‘punk’ e trazem um pouco disso para a banda (LIMA, 2005, p. 35).

O maior objetivo da banda é o de criação, de tentar trazer sons, ritmos, novas batidas, embora soubessem que estariam repetindo modelos já existentes. Eles não levantam a bandeira da originalidade, mas sim, de um tipo de pensamento, por esse movimento, a própria Literatura de Cordel teve grande espaço nos espetáculos.

Cordel do Fogo Encantado não falou em “cordel” no sentido de literatura, mas sim como “cordão”, “literatura de cordão”. Os portugueses e os espanhóis, na época da colonização, deram esse nome a essa literatura que se pendurava nas feiras de cordel. Ela chegou a todo o Brasil e desenvolveu-se de forma impressionante no Sertão. Há uma centena de gêneros de métrica e rima como a sextilha, sete linhas, mourão voltado, decassílabo, galope à beira mar, galope alagoano (LOPEZ, 1992).

A herança moura herdada pelos portugueses, que hoje está presente na música nordestina como a rabeca, a sanfona, talvez até mais na música brasileira atual do que na de Portugal. O cordão do Cordel do Fogo Encantado não é a poesia improvisada, exposta à venda, é uma literatura que teve o seu auge, e lutou com muita força com os meios de comunicação de massa.

5 A ESTÉTICA DA ORALIDADE DO CORDEL DO FOGO ENCANTADO

*Quando o vento bate forte,
que aspira o ar castigado
Estremece o pulmão da seca,
Tempestade, Tempestade
Pai estou nessa terra,
querendo plantar,
querendo colher
Homens do ar não descem,
Mulheres do ar não descem
Crianças do ar,
Velhos do ar,
Sempre mandam recado
É de Relampiê é de Relampiê é de Relampiá.*

Tempestade (ou A Dança Dos Trovões), Cordel do Fogo Encantado⁶

⁶ Compositor: Letra: Lirinha/música: Clayton Barros.

O Cordel do Fogo Encantado realizou uma tradução de sua cultura ao falar da experiência da teatralidade aliada a uma musicalidade moldada por/para essa experiência teatral e pelo contato com outros ritmos, o que possibilitou constituir uma estética própria. E essa estética conceitual do “espetáculo”, estabelece um modo de comunicação que rompe com as barreiras de uma linguagem presa a um estatuto de “regional” ou “local” e se expande para uma dimensão universal. Podemos afirmar que o Cordel do Fogo Encantado é um misto de música, teatro e poesia, com a intenção de comunicar não somente os sentimentos, mas também ícones do imaginário popular da região da qual se originou. O seu repertório com suas estrofes, rimas, poesias no uso coloquial da língua, destaca a oralidade que aparece nas formas gramaticais como nois, drumisse, assubisse, juntim, cum, tavés, virgi.

A oralidade surge na obra do grupo como forma de expressão escrita e se destaca em todo os poemas. Além disso, a oralidade também aparece junto com a questão mnemônica e poética através de fórmulas como as repetições e as enumerações. Como retrata por exemplo o poema “Ai Se Sêsse de Zé da Luz”, onde o próprio uso da fala já denota uma maior proximidade com quem irá ouvir e com a realidade cultural da região.

Ai Se Sêsse

Se um dia nois se gostasse

Se um dia nois se queresse

Se nois dois se empareasse

Se juntim nois dois vivesse

Se juntim nois dois morasse

Se juntim nois dois drumisse

Se juntim nois dois morresse

Se pro céu nois assubisse

Mas, porém, acontecesse de São Pedro não abrisse aporta do céu e fosse

Te dizer qualquer tolice

E se eu arriminasse

E tu cum eu insistisse pra que eu me arresolvesse

E a minha faca puxasse

E o bucho do céu furasse

Tavés que nois dois ficasse

Tavés que nois dois caísse

E o céu furado arriasse e as virgi toda fugisse.

(Cordel do Fogo Encantado)

O Cordel do Fogo Encantado criou um metacordel, com uma espécie de “bricolagem” – junção de elementos díspares que terminam formando um todo congruente – renovando o cordel em seu repertório utilizando elementos da escrita moderna dialogando com o passado. O grupo realizou uma re-escrita, interpretando de uma nova maneira a tradição. Aproximando conteúdos tradicionais de novas formas estéticas não só na melodia e no uso de instrumentos, mas também na construção das letras de música e canções (LIMA, 2005)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AMARRANDO A CORDA E DEPENDURANDO OS CORDÉIS

*Quando o vento bate forte, que aspira o ar castigado
Estremece o pulmão da seca, Tempestade, Tempestade
Pai estou nessa terra, querendo plantar, querendo colher
Homens do ar não descem, Mulheres do ar não descem
Crianças do ar, Velhos do ar, Sempre mandam recado
É de Relampiê é de Relampiê é de Relampiá.
Tempestade (ou A Dança Dos Trovões), Cordel do Fogo Encantado⁷*

A literatura de cordel portuguesa e a literatura de folhetos do nordeste do Brasil estabeleceu uma relação de dependência entre a produção nordestina e lusitana, ocorrendo “adaptações”, “recriações” “transformações” e/ou “desdobramentos”, resultado da “fusão entre a literatura popular ibérica e a prática dos poetas improvisadores. A literatura de cordel, profundamente inserida no mundo da vida do homem nordestino, se constitui hoje em uma tradição cultural tão forte e arraigada que marca a sua identidade, de forma indelével. Nesse sentido, hoje não creditamos sua origem à península ibérica, como se aqui houvesse se desenvolvido um processo de recepção passiva e imitação, mas sim em uma origem híbrida, multicultural, original e autêntica do povo brasileiro e nordestino.

Habermas (2002) chama nossa atenção quando diz que as pessoas são estruturas simbólicas, que agindo comunicativamente tendem a experimentar e expandir o seu mundo da vida, cuja estrutura é formada através de tradições culturais, de ordens institucionais e de identidades criadas pelos processos de socialização. Assim o homem pode ser entendido como uma estrutura simbólica, formada a partir da aglutinação de conhecimento que ele adquire em sua vida. Conhecimento este que sempre está admitindo novos conceitos e se reformulando. O Cordel está profundamente inserido no mundo da vida do homem nordestino, constituindo-se em uma tradição cultural tão forte e arraigada que marca a sua identidade, de forma indelével.

Mesmo havendo características peculiares entre os cordéis portugueses e nordestinos, para Vila Nova (1996, p. 108), “o folheto nordestino ‘tem que ser todo rimado/com sua própria estrutura/versificando (...) com a métrica mais pura’. Há uniformidade nos textos nordestinos, eles têm suas regras seguidas de forma rígida e precisa, o que não acontece em Portugal.

⁷ Compositor: Lirinha e Emerson Calado.

Diferente dos cordéis portugueses que falam sobre os nobres, os folhetos nordestinos possuem uma forte crítica social do cotidiano, demonstrando sua indignação à sua condição subumana de vivência. Os folhetos conservaram os passos do enredo lusitano, porém modificaram os textos transpondo-os “da prosa para o verso”, fazendo rimar apenas a história.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.
- AYALA, Maria Ignez Novais. Riqueza de pobre. In: *Literatura e sociedade: revista de teoria literária e literatura comparada*. São Paulo, USP, 1997, n. 2, p. 160 - 169.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CURRAN, Mark J. A página editorial do poeta popular. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro, a. 12, n.32, p.5-16, jan./abr. 1992.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Características dos ciclos temáticos. Literatura popular em verso: estudos*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, tomo I, p. 24-329
- HABERMAS, Jurgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Tradução: Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LEITÃO, Cláudio. *Cultura de massa e cultura popular*. São Paulo: Vozes, 1994.
- LIMA, Campos Ana Paula. *Sertão Alumado pelo Fogo do Cordel Encantado*. Recife: Editora Conteúdo Criativo, 2005.
- LONDRES, Maria José F. *Cordel, do encantamento às histórias de luta*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- LOPES, José Ribamar (org.). *Literatura de Cordel Antologia*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1992.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do cordel*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1986.
- RIBEIRO, Lêda Tâmega. *Mito e poesia popular*. Rio de Janeiro: FUNARTE Instituto Nacional do Folclore, 1986.
- VILA NOVA, Sebastião. *Literatura de cordel*. Recife: IJNPS. Instituto de Pesquisas Sociais, 1996. (Folclore 19).

Recebido em: 31/08/2020. Aprovado em: 04/12/2020.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.